

Como brincar e cuidar do que pode poluir o ambiente?

Brincar, verbo que significa divertir-se infantilmente, entreter-se em jogos de criança, em qualquer circunstância estar bem-humorado.

Será que esta é a razão da criança passar a maior parte do seu tempo brincando? Porque, quando brincamos, ficamos mais alegres, felizes e a vida fica mais prazerosa?

A turma11, trabalhando produtos reciclados, descobriu que as garrafas plásticas que iam para o lixo são produtos importantes e úteis para aliar cuidados ao meio ambiente e brinquedos em sala de aula.

Depois de tanta brincadeira, eles já estão pensando em outros materiais que podem virar novidades em sala de aula.

Roberta Martins
Professora da Turma 11

Flautistas com o pé na estrada

No segundo semestre de 2003, o Grupo de Flautas da Unidade Jacarepaguá se apresentou bastante. No dia 20 de agosto, junto com o grupo da Escola Municipal José do Patrocínio, as crianças tocaram no Teatro Iracema, do Retiro dos Artistas. Entre os dias 3 e 5 de outubro, os alunos viajaram numa pequena turnê com a Prof^a Wally Borghoff e chegaram a se apresentar em Juiz de Fora, MG. No repertório, sempre há lugar para os mestres da música clássica, como Mozart e Vivaldi, e também para o melhor da MPB.

O Grupo de Flautas do Colégio Cruzeiro – Unidade Jacarepaguá numa apresentação em outubro.

Enfim, Natal

Everton Augustin

Ultimamente o menino vinha com muito mais freqüência ao farol que se situa no alto do monte, ao lado da igreja muito antiga. Ele sentava-se sobre o rochedo e ficava olhando o mar como que a procurar algo.

Nesta última semana, o menino veio diariamente, quase sempre ao final da tarde. O faroleiro, intrigado com a atitude dele, resolveu observá-lo mais atentamente. Quando a vista não divisava mais nada na imensidão do mar, o garoto – devia ter uns onze anos – ia embora.

No vilarejo, ao pé do monte, podia-se perceber que eram vésperas de Natal. Na porta das casas, enfeites natalinos, simples como a própria gente do local, davam um tom especial à época. Na pracinha havia até algumas lâmpadas coloridas enfeitando o único pinheiro que com seus espinhos destoava das demais árvores, todas de folhas e copas largas. Da igreja branca, ao lado do farol, brotavam cantigas natalinas. Eram as mesmas todo o ano e na mesma hora: assim que o sol se punha.

Era dia vinte e quatro e o povo todo subia a ladeira em direção à igreja, onde o presépio vivo, as canções e a mensagem do pastor deixavam todos embevecidos de Natal.

Uma pessoa não se encontrava na igreja: o menino. Ele tinha um compromisso inadiável. Mesmo o velho faroleiro tinha ido à igreja. A luz do farol não se apagaria mais tão facilmente como antes; já era elétrica. O menino contrariou o seu hábito diário e permaneceu ali, à beira do abismo rochoso surrado pelas ondas do mar, embora há tempo o sol já tivesse se posto. Nada podia ser visto na escuridão do mar imenso.

Num pulo o menino estava de pé e fixava os olhos num pequeno ponto luminoso que aparecia e sumia na distância. Sem piscar, percebeu que aquela luzinha vinha em direção do farol. Nem percebia os sons dos cânticos e das orações. O coração batia mais forte com a aproximação da luz que vinha do mar. Aos poucos podia até ouvir o som de um motor. Era ele! Só podia ser ele!

Numa corrida alucinante o menino correu em direção ao atracadouro. Sem fôlego, mas sem diminuir a velocidade, foi até o local onde o barco atracara e um homem atava uma corda a uma pilastra.

Um grito de felicidade explodiu da boca do menino que envolveu aquele homem num abraço apertado:

- Pai! Que demora!

- Peixes bons estão cada vez mais difíceis. Tivemos que ir muito mais longe desta vez, filho! – foi a resposta.

O abraço dos dois não foi interrompido nem pelos sinos da igreja nem pelo povo que descia ao vilarejo.

Enfim, Natal!

Para gostar de ler...

O projeto Monstros nasceu da necessidade de mostrar aos alunos os diversos aspectos a serem analisados na hora da escolha de um livro.

Percebíamos que eles privilegiavam somente um determinado aspecto: ou capa ou título ou figuras internas, etc, não buscando conhecer o conteúdo do livro.

Como despertá-los para uma análise mais completa? Mostrando-lhes um livro que anteriormente ficava “no fundo do baú”: “Pequeno manual de monstros caseiros”, de Stanislav Marijanovic.

O projeto foi desenvolvido em quatro etapas: “A hora do conto”, “A hora da imaginação”, “A hora da criação” e “A hora da produção”. Com essas atividades, os alunos ouviram o texto, despertaram em cada um os “monstrinhos” do dia-a-dia que os visitam, criaram o seu próprio monstro e produziram um texto sobre ele.

Com o projeto, o livro foi encantando as crianças e, hoje, já não fica mais esquecido num canto qualquer...

No EPA, as turmas de 3^a série irão mostrar o resultado do trabalho. Na data, os monstrinhos estarão esperando por vocês.

Professoras: Tânia, Dulce, Rose e Flávia



Cecília Braga - Turma 31
Mariana Cezimbra - Turma 32
Paloma Mandina - Turma 33
Victor Alexander - Turma 34

El monte y el río

En mi patria hay un monte.
En mi patria hay un río.
Ven conmigo.
La noche al monte sube.
El hambre baja al río.
Ven conmigo.
¿Quiénes son los que sufren?
No sé, pero son míos.
Ven conmigo.
No sé, pero me llaman
y me dicen: "Sufrimos".
Ven conmigo.
Y me dicen
"Tu pueblo,
tu pueblo desdichado,
entre el monte y el río,
con hambre y con dolores,
no quiere luchar solo,
te esperando, amigo".
Oh, tú, la que yo amo,
pequeña, grano rojo
de trigo,
será dura la lucha,
la vida será dura,
pero vendrás conmigo.

NERUDA, Pablo. *O versos do capitão. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. Pág. 114-117.*

O monte e o rio

Na minha pátria tem um monte.
Na minha pátria tem um rio.
Vem comigo.
A noite sobe ao monte.
A fome desce ao rio.
Vem comigo.
E quem são os que sofrem?
Não sei, porém são meus.
Vem comigo.
Não sei, porém me chamam
e nem dizem: "Sofremos".
Vem comigo.
E me dizem:
"Teu povo,
teu povo abandonado
entre o monte e o rio,
com dores e com fome,
não quer lutar sozinho,
te está esperando, amigo".
Ó tu, a quem eu amo,
pequena, grão vermelho
de trigo,
a luta será dura,
a vida será dura,
mas tu virás comigo.

Com o tema "Arte em toda parte", os dias 30 e 31 de outubro foram dedicados a uma exposição dos trabalhos produzidos pelo segmento. Lindos painéis colocados na quadra coberta deram aos pais uma idéia do talento dos pequeninos. Telas também foram instaladas, para que os pais pudessem deixar suas impressões, numa atividade bastante interativa. Cada grupo da Educação Infantil escolheu um artista e, assim, os visitantes puderam ter uma idéia da sua biografia, além de conferir a interpretação infantil de quadros consagrados, como "A Sesta" de Van Gogh ou "O Pescador" de Tarsila do Amaral.

Tempo ao tempo

Everton Augustin

Desde sempre aquele antigo relógio de parede fascinara o menino. No colo de seu avô, podia desvendar os segredos que se escondiam dentro da caixa azul que o emoldura. O grande prazer era observar o avô dar corda no relógio e ver subindo aqueles pesos, que moviam todo o mecanismo; um à esquerda e outro à direita. O mais fantástico, porém, acontecia quando o avô tocava uma espiral que fazia soar o relógio. A pedido do netinho, o senhor, cabelos já puxando um tom gris, punha a tocar o relógio inúmeras vezes. Era música, pura música! Ao avô bastava o prazer de ver o seu neto fascinado com as descobertas; olhos naturalmente curiosos da infância.

O menino cresceu e vários relógios passaram por sua vida e marcaram o tempo de dormir; marcaram a hora de levantar; de ir à escola, de ir para casa e ver pais e irmãos, de fazer o dever. De ir ao trabalho, de voltar para casa e ver esposa e filhos. Para brincar, namorar e sonhar não tinha hora. Isso ele conseguia fazer até mesmo durante as equações matemáticas ou, em pé, diante do sapato que, com mais uma peça colada, nascia de suas mãos.

Sempre que voltava à casa do avô, aquele relógio azul continuava a fasciná-lo como que o desafiando a desvendar um segredo ainda não revelado, apesar do bom tempo de convívio. A espiral soava como da primeira vez e parecia pedir: "Toque de novo!"

Amadurecendo, o moço percebeu que com o tempo não se brinca. Ele é como a água que passa apenas uma vez sob a mesma ponte. O abraço dado, a dor compartilhada e a alegria multiplicada não podem esperar. *Carpe diem!* A flor, sem esperar, abre-se no seu tempo, substituída pelo fruto, que gera nova semente. Descobriu que '*não há rédeas nem esporas para o tempo*'. É preciso fazer o melhor de cada momento e, principalmente, fazê-lo de coração.

O avô e o relógio suportaram bem a ação do tempo. Ver o bisneto no colo do avô, desvendando os segredos do antigo relógio azul de parede, emocionou-o por demais. Era tempo; tempo de celebrar a vida.